



Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul

Cinqüentenário de morte de Albert Camus

A PASSAGEM DE ALBERT CAMUS POR PORTO ALEGRE

Publicado no site em 03/08/2010

Gervasio Rodrigo Neves^[1]



Albert Camus^[2]. Não o conheci. Eu o vi, em Porto Alegre. Desde lá se passaram muitos anos e, agora, como se fosse uma mini-erupção da memória, volto a lembrar daquele encontro.

Leio a 5ª edição do *Diário de Viagem*^[3], em tradução brasileira. Ocasionalmente fiz as anotações no livro com o lápis de cor verde garrafa, com borracha numa das extremidades e com origem gravada em letras douradas: *Les Deux Magots*^[4]. O nome do café traz lembranças, vividas ou lidas, recordações do símbolo e referência de uma época de Paris; testemunho de uma geração brilhante, profundamente marcada pela violência política.

Falta-me, na recordação de um clima parisiense, o cafezinho, o ovo cozido ou a pequena garrafa verde de *Perrier*... Retorno assim, às imagens fragmentadas do *Les Deux Magots*, do *Le Flore*^[5] ou do *Le Lipp*^[6]. O turbilhão dessas memórias e das lembranças me conduzem ao Instituto de Belas Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul na rua Senhor dos Passos. Entrei, quase solenemente, subi um curto

lance de escada e me dirigi à biblioteca onde encontrei a solícita bibliotecária *Mara Rejane B. Machado* à qual pedi informações sobre a memória da instituição sobre a conferência que Albert Camus em proferiu em seu auditório. Generosamente prometeu verificar. Recebo, com atenção e rapidez, no dia seguinte, e-mail com três páginas da Revista do Globo, com cópia da reportagem sobre a presença de Camus em Porto Alegre, em 1949. Entre a leitura do Diário e a ida ao Instituto de Artes tudo acontece como *o que escapou de Aristóteles*, segundo a observação de Machado de Assis.

1949. Em 2010 estarei com 76 anos, isto significa que já se passaram sessenta e um anos e estava com 15 quando vi e ouvi Albert Camus.

Eu era, em 1949, aluno do Colégio Cruzeiro do Sul, bolsista da Igreja Episcopal Brasileira e, tinha como professor o velho, pesado e bondoso, embora às vezes irritado. O francês que sempre utilizava o bonde da linha Teresópolis no qual eu também viajava diariamente pela manhã. O patriota e guloso professor francês para o qual saudá-lo com um "vive la France!" era um passaporte e, falar no pato assado com maçãs ou o inimaginável pato à *l'Albigeoise* provocar

um imenso prazer ao velho professor e abria todas as suas guardas.

Não lembro se o Professor Le Blanc, o meu "*ilustre passageiro*"^[7], do bonde da linha Teresópolis, fez alguma alusão a conferência de Camus. Lembro que eu e meu colega de aula, Irajá Krug fomos assistir a conferência, numa noite fria de inverno, com as ruas absolutamente vazias quando saímos. Noite fria e úmida sob o efeito das entradas das frentes frias que o jornal Correio do Povo registrava: como avanços de *ondas de frio*.

Possivelmente, forçando a memória que não responde, recebi a notícia da conferência de outro colega de escola, Cláudio Ávila. Meu conhecimento da língua francesa era então capaz de captar somente algumas poucas palavras soltas, mas lembro e é uma recordação forte, a enérgica gesticulação do conferencista que parecia exprimira indignação. Fiquei fascinado pela expressividade da gesticulação, o vigor das articulações dos braços e das mãos, esta linguagem universal. Pareceu-me, pelos gestos, a França indignada ou o homem indignado, capaz de se indignar, não o *homem revoltado* como Camus escreveria pouco depois^[8]

Lembro das palavras sonoras e fortes da saudação de Érico Veríssimo, muito diferente da voz doce e lenta que vim a conhecer bem mais tarde.

Érico Veríssimo fez a apresentação de Albert Camus em francês para um público que lotava o auditório.

A memória agita, move e incomoda. Ela é imprecisa. Apenas algumas lembranças exumadas que, na presença de objetos, como o lápis verde, voltam a ter ou a pedir significados. Qual a razão da minha presença naquela conferência?

Vim a saber, agora, que Albert Camus veio a *América do Sul* – e não usa a designação francesa de América Latina – na qualidade de jornalista, embora todas as apresentações dos jornais de Porto Alegre e de seus apresentadores – Jean Roche e Érico Veríssimo – referiam-se ao escritor e ao resistente.

A história jornalística de Camus é longa. Na Argélia teve atividades no jornal da Frente Popular Argelina, *Arger Republicain*, fundado em 1938, onde faz a defesa da independência argelina. Ali conheceu *Pascal Pia* – amigo de André *Malraux* – que depois, facilitou sua ida para Paris e trabalhar na livraria editora Gallimard em 1943 que já editara suas obras, *O estrangeiro* e *O Mito de Sisifo*.

No período de resistência a ocupação nazista na França dirigiu o *Journal de Paris* cujo subtítulo era *Combate*, como ficou conhecido. Clandestino, *Combate* tinha como legenda "*Da resistência à revolução*" sendo redatores, *Albert Ollivier*, *Pascal Pia* e *Albert Camus* além de outros intelectuais engajados na resistência francesa. Além de o *Combate* Albert Camus escreveu, depois, na revista *Les Temps Modernes*, dirigida por Jean-Paul Sartre.

Albert Camus, com 36 anos de idade, chega a Porto Alegre depois de uma cansativa passagem pelo Brasil^[9]: Rio de Janeiro, Recife, Salvador. Rio de Janeiro e São Paulo, apresentado como escritor de sucesso e jornalista da resistência francesa ao nazismo. O Correio do Povo de 9 de agosto anuncia, na última página: *Albert Camus chega hoje*. A notícia é de extremos elogios: *...deverá chegar hoje o escritos francês que vai encerrar nesta cidade o ciclo de suas conferências no Brasil*, acrescentando que *...o conferencista é o romancista mais credenciado da França moderna...devendo falar sobre "A Europa e o crime*.

Enfatiza o jornal que a presença de Camus em Porto Alegre é... *um acontecimento literário da maior significação...representando, sob todos os aspectos, à expressão perfeita da nova geração francesa...o fato é de grande significação cultural*.

O Correio do Povo identifica o conferencista como *filósofo, romancista, dramaturgo e jornalista, Camus é um homem significativo, incorporando o espírito da civilização ocidental e, particularmente, da francesa de modo ardente e dinâmico*. A mesma notícia enfatiza o romance *A Peste* no qual o autor faz ver com *.total nitidez os problemas atuais do mundo civilizado...uma obra impecável...que tem sido apontado como "o homem de um novo classicismo"*. A notícia enfatiza o posicionamento de Camus em entrevista no lançamento de *A Peste*: *"A eficiência! Vocês me fazem rir! Ninguém tem outra palavra na boca que não seja esta. Mas eu gostaria de saber, depois de considerar-se os belos resultados da ação eficiente nestes últimos vinte anos, de que lado está a utopia...Ser eficiente dessa maneira – não me interessa. Ademais, a não-violência nada tem que ver com a não-resistência, pelo contrário"*.

Ao final da notícia o jornal convida à a conferência do *ilustre escritor francês da resistência*.

O católico *Jornal do Dia* faz absoluto silêncio sobre a presença de Camus na cidade identificando a fissura provocada, em 1943, pela discussão de Érico Veríssimo com o padre *Leonardo Fritzen* em torno da obra "*O resto é silêncio*".^[10] As fotografias publicadas pelo Correio do Povo, no dia da conferência de Camus mostram a presença, somente dos intelectuais apoiadores^[11] de Érico Veríssimo ou que se isentaram de tomada de posição no confronto com o padre Fritzen, tais como. *Marques Rebelo*^[12], *Carlos Reverbel*, *Dante de Laytano*, *Guilhermino César*, *Érico Veríssimo*, *Jean Roche*, *Moysés Vellinho*, *Manoelito de Ornelas*, e *Décio de Souza*,

médico responsável pela cátedra de psiquiatria da Faculdade de Medicina de Porto Alegre a partir de 1944, depois de retornar dos Estados Unidos.

A apresentação de Érico Veríssimo segundo a imprensa: Matthew Arnold e A Peste

Como o Correio do Povo do dia anterior, a apresentação de Érico Veríssimo foi elogiosa, entretanto bem mais marcada por sua posição intelectual e ética expressas nos seus romances anteriores a 1949. O que o Correio do Povo transcreveu mostra a ênfase de Érico Veríssimo no então recente romance *A Peste* e suas conseqüências éticas.

Fui entender, muito tempo depois, quando li *A Peste*, em português, a bela apresentação de Érico Veríssimo.

O discurso de Érico Veríssimo: trinta e dois anos depois

No Suplemento *Leras & Livros*, Ano 1, do Correio do Povo de 15 de agosto de 1981, página 13, foi publicado o texto da saudação de Érico Veríssimo a Camus, em francês, sua tradução e a cópia do original datilografado e corrigido, sem indicação do tradutor.:

Minhas senhoras, meus senhores.

Senhor Camus,

Creio que se me escolheram para desejar-vos as boas vindas, foi porque tenho as "mãos sujas" do sangue inocente de muitas línguas, pois, não contente de torturar a minha, desde a época em que comecei a escrever romances, ainda assassinei a de Shakespeare durante dois anos, ao correr das diversas conferências que fiz nos Estados Unidos.

Portanto, no ponto a que cheguei, não será um crime a mais que virá melhorar ou tornar mais crítica minha situação diante de Deus e dos homens.

Mas, na qualidade de vosso leitor (o grifo é meu) e admirador, estou encantado por esta oportunidade que me permite vir a dirigir-vos algumas palavras.

Advinho e compreendo, senhor Camus, todo o pavor e as apreensões que se apoderam de um homem reservado e discreto quando ele empreende uma longa viagem de conferências através dos diferentes países da América do Sul; ele corre o risco de ser flagelado a cada instante por discursos, por recepções com banda de música na frente, por abraços calorosos e, sobretudo, por perguntas um tanto indiscretas.

Entretanto, chegado à presente etapa de vossa excursão, certamente tereis compreendido que aqueles homens capazes de tais manifestações tropicais não figuram, muito felizmente, no número de vossos leitores, e mesmo se eles se decidissem a entrar neste número, eles não vos compreenderiam (o grifo é meu)

Isto porque, senhor Camus, vós pertenceis a uma idade nova e dramática. Vós sois uma das mais claras, mais belas e corajosas vozes da França de hoje, temperada na forja da Resistência. Vós representais a nossos olhos o homem que, segundo a frase de Matthew Arnold^[13], encontra-se dilacerado entre um mundo que agoniza e outro que tenta.

E por isto, senhor Camus, que eu quero vos dizer o quanto nós todos somos felizes, esta noite, de vos ter entre nós e, sobretudo, de vos ouvir.

Eu sei bem que não tendes, de forma nenhuma, necessidade de nosso assentimento e de nosso apoio para continuardes a viver e a escrever, mas também não quero esquecer de vos dizer que, quando nos chegam vossas admiráveis mensagens, é por elas assim, como pelas de outros homens de letras de vosso valor que julgamos esta grande França que é objeto constante de nossa admiração e que nós amamos, acima de tudo. por suas tradições de liberdade e humanismo.

Nós também temos consciência de viver instantes trágicos em uma cidade bloqueada por todos os lados, onde grassa a peste e onde os homens de responsabilidade fazem causa comum com a peste bubônica em lugar de combatê-la. As forças das trevas e da ignorância estão em liberdade.

Exatamente como vosso admirável Dr. Rieux^[14], sabemos que cada um de nós traz consigo a peste, que deste mal nenhum está isento, e que nós devemos estar sempre vigilantes, a fim de que o sopro de nossa respiração no rosto de outrem não o contamine; e que o resto - saúde, integridade, pureza — é um produto da vontade humana, de uma vigilância que não deve

fraquejar; e que, finalmente, como existem na terra pestilências e vítimas, de modo algum devemos prestar ajuda às pestilências.

As pessoas aqui presentes, senhor Camus, estão ansiosas por vos ouvir. Aceitai, portanto, todo o interesse e toda atenção que elas trazem a vós e a vossos trabalhos, como um símbolo de nosso indestrutível interesse e admiração por vossa pátria^[15].

A escolha de Érico Veríssimo para saudar Camus revela a inserção da sociedade local no ambiente político-ideológico do pós-guerra e da guerra fria. Em 1949 Érico Veríssimo já havia publicado seis romances, além de traduções e observações de viagem aos Estados Unidos e estava lançando *O Continente*. Na sua produção literária Érico aproximava-se de Albert Camus como "Socialista democrático" ou "inocente socialista...", como se define^[16], "...saturado da hipocrisia do mundo burguês e, ao mesmo tempo, desnordeado entre o cinismo stalinista. Repugna-me também as tendências claramente direitistas de membros de nosso próprio governo, ao par da indiferença de tantos de nossos homens de letras^[17]", como enfatiza.

Saga foi publicado em 1940 quando as *Panzerdivisionem*, se aproximava de Paris^[18], Ao saudar o intelectual militante da resistência ao nazismo existia uma imensa solidariedade entre eles. Não fora somente *O resto é silêncio* que provocaram as iras contra Veríssimo. *Saga* também, como de resto toda sua obra anterior a 1949. Érico Veríssimo estava no lugar certo para saudar Albert Camus.

Por quase duas horas, falou depois Albert Camus, num absoluto e respeitoso silêncio do público.

O número 14 de 1949 da revista *Província de São Pedro*^[19] publicou o resumo e os comentários da conferência de Camus, elaborados pelo professor Jean Roche, com o

título " **A Europa e o morticínio**^[20]", quando o título da conferência foi " **A Europa e o crime**". Curiosamente o trabalho vem assinado como de Albert Camus^[21]. A tradução e o resumo de alguns trechos resumidos da conferência de Camus estão acompanhados de observações e comentários do professor Jean Roche, num momento de acirramento da *guerra fria* cujos reflexos a imprensa de Porto Alegre^[22] registrava nas edições dos dias anteriores e posteriores a chegada de Camus na cidade^[23].

Estes foram alguns tópicos – traduzidos por Jean Roche - da conferência de Camus em Porto Alegre.

"Alguns de entre vós interessam-se pela Europa..^[24] *Ésse velho continente tem numerosas cicatrizes. Mas tem, entretanto, um passado, séculos de cultura.... E no grande deserto de um mundo esterilizado pelo espírito de domínio, numa época em que os homens, impelidos por ideologias medíocres e ferozes se acostumam a ter pejo de tudo, mesmo da felicidade, acontece que aqui e ali homens dispersos pelos continentes voltam-se ainda para a infeliz Europa e a si próprios se interrogam sobre o futuro dela, certos de que sua escravização ou desespero acarretarão o obscurecimento de dois ou três valores, dos quais não poderá prescindir nenhum cidadão de nenhum país, sob pena de renunciar à sua condição de homem*".

"Partilho essa inquietação e a ela quisera atender. Não tenho o dom de profecia, mas posso ao menos dizer o seguinte: A 'Europa, para prosseguir em sua missão, precisa curar-se de certo número de doenças. Algumas existem que ultrapassam minha competência...mas há pelo menos uma doença da Europa que comparti com os homens de minha geração e sobre a qual me foi dado refletir... Vou dizer tão simplesmente como possa o que sei dessa doença, e contribuir para o diagnóstico que deve sempre preceder uma cura eventual".

"A Europa está hoje imersa na desgraça. Qual é essa desgraça? Muito se matou nestes últimos anos, e prevêem alguns que ainda se continuará a matar. Um tão grande número de mortes acaba tornando pesada a atmosfera. .. Naturalmente, não é de hoje que Cain mata Abel, mas é de hoje que Cain mata Abel em nome da lógica, pleiteando em seguida a Legião de Honra".^[25]

"Numa civilização em que o morticínio (o assassinato) a violência já constituem doutrinas, e começam a se erigir em instituições, os carrascos têm pleno direito de ingressar nos quadros administrativos.' O carrasco de Paris tinha razão; nós, franceses, estamos um tanto atrasados. Um pouco, por toda parte no mundo, os algozes já se acham instalados em poltronas ministeriais. Substituíram apenas o cutelo pela caneta". Observando Jean Roche que Camus refere a história do chefe da municipalidade em cujo território se havia descoberto um ossário: ignorando o número de mortos ali empilhados, o "maire" decidira: "cada sessenta quilos farão um homem"..

Prossegue Camus: "Quando a morte se torna assunto de estatística e de administração,

significa realmente que algo está mal. A Europa sofre de morticínio e de abstração. Minha opinião é que se trata da mesma doença. Proponho-me, nas partes da minha exposição, verificar como nela entramos e como dela poderemos sair".

"A resposta à primeira questão simples. Entramos nela pelo pensamento... Não se pensa mal por ser homicida, mas se é homicida porque se pensa mal. É esta a primeira reflexão que vos queria comunicar.

"Muitos de nós fomos embalados pelo niilismo de entre duas guerras... Os homens da minha idade, na França, e na Europa, nasceram exatamente antes ou durante a primeira grande guerra; alcançaram a adolescência no momento da crise econômica mundial, e fizeram vinte anos, quando da conquista do poder por Hitler. Para completar-lhes a educação, foi-lhes oferecida, em seguida, a guerra da Espanha, Munich, a guerra de 1939, a derrota, quatro anos de ocupação e de lutas clandestinas. Para terminar, prometem-lhes o fogo de artifício atômico. Suponho, pois, que esta é uma geração interessante. Tanto mais interessante por ter entrado nesta interminável experiência exclusivamente com as forças da revolta, porquanto não acreditava em nada".

Em literatura, em pintura, em filosofia, em moral, em política, em metafísica. reinou o desprezo pelos valores tradicionais e triunfou o espírito de negação. Ora, esta geração sentiu a necessidade de regular sua posição em relação ao morticínio, à violência legitimada, quando esses jovens não sentissem ódio senão ao ódio..." "Mas, quando não se combate, adotam-se os valores do inimigo, mesmo sendo tais valores desprezíveis, visto que se deixa que eles triunfem".

A dificuldade para esses jovens foi a de encontrar fundamentos justificativos para uma nova ação que o niilismo não previra. "Um par de botas vale mais do que Shakespeare", porque, "quando pensamos que nada tem sentido, deve-se concluir que quem tem razão é quem triunfa. A única regra é a de se mostrar o mais eficiente, isto é, o mais forte. E o mundo não é mais dividido entre os justos e os injustos, e sim entre senhores e escravos"... " Assim para qualquer lado que nos voltemos, no centro da negação e do niilismo, o morticínio e o homicídio científico, útil, têm um lugar privilegiado. Na extremidade desse raciocínio achavam-se, e de modo natural, os campos de concentração".

Pelo fato de terem uma consciência aguçada desse desleixo, certos homens escolheram o valor da história, e quiseram encontrar no materialismo histórico o refúgio intelectual, a regra de ação de que necessitavam. Para eles a história tem um sentido; a era dos nacionalismos já foi substituída pela era dos imperialismos, enquanto se aguarda a era da Sociedade Universal. A história tem, pois, um sentido lógico total, e a dialética soberana nos ensina a pensar segundo regras necessárias. Essa filosofia da história, nascida na Alemanha, ensina que a humanidade a segue por vias racionais rumo a um Universo definitivo. Então, tudo o que serve essa marcha da história é bom; se a guerra precipita o esboroamento dos ^[26] nacionalismos, e, a seguir, dos imperialismos, a guerra é boa; todos' os atos são justificados pela sua eficácia. "Na ponta desse raciocínio achavam-se, e de modo natural, os campos de concentração" E Camus concluiu essa análise magistral, na expressão de Jean Roche, dizendo:

"Em suas conseqüências, não há diferença entre as duas atitudes. Ambas se encontram na extremidade dessa longa aventura do espírito moderno, que, depois do que Nietzsche denominou" a morte de Deus", não deixou de escrever no sangue da história a tragédia do orgulho europeu...". "Toda idéia falsa termina em sangue, e é a justiça deste mundo. Mas trata-se sempre do sangue dos outros e é a injustiça da nossa condição"

Foram as idéias falsas que deixaram a Europa doente, ao inocular-lhes o vírus da eficiência, e tornaram a matança necessária .

A filosofia da eficácia é uma filosofia mortal.

Observa novamente Jean Roche que Camus apresenta o exemplo da polêmica na Europa, degenerada em insulto: para não ter de discutir o argumento do adversário, ignoram-no, "recusa-se o olhar do homem de em frente".

Ao invés da persuasão, recorre-se à intimidação, e a vítima dos campos de concentração não pode explicar aos seus algozes, por não serem eles homens, e sim a encarnação de uma doutrina, de uma ideologia, de uma vontade inflexível de domínio. Se for aplicada aos europeus a palavra do justo do Egito "Não causei medo a ninguém. Intervém Jean Roche: Camus diz que ele não contará" muitos dos nossos grandes contemporâneos na fila dos bem-aventurados no Juízo Final".

A Europa vive sob o regime da ficha de polícia e da estatística (por exemplo, o drama das "Pessoas deslocadas").

Esta teoria da eficiência, que é a teoria unificadora do mundo, tornou-o cego, surdo, descarnado, abstrato, cruel como a própria teoria. E a literatura contemporânea da Europa é uma literatura de juizes, de processos, de acusações, de janelas que se fecham sobre prisioneiros, sobre homens solitários.

Como sair dêsse estado? Seremos capazes de sair dele?

"Houve um tempo em que os mandamentos divinos impunham a cada um sua regra, e

estou certo de que isso era uma solução. Mas esse tempo se foi. É um fato inegável que 80% dos europeus de hoje vivem à margem da Graça"

A Europa não possui atualmente outra força senão a de que dispõe: sua negação e sua revolta (o grifo é meu) . Do contrário o futuro do mundo poderia ser entregue a esses povos infantis, que riem no alto de suas máquinas"

A revolta, porém, deve ser analisada e bem compreendida:

"A revolta não leva ao domínio, pode nos erguer ao seu nível, e, na ausência de recursos divinos, nos dar uma regra de ação que diminui a dor do homem, ao invés de aumentá-la".

Jean Roche comenta que Camus narra a aventura de um jovem francês de dezoito anos que, discutindo metafísica com amigos, num café, exclama: "Nenhuma idéia vale que se morra por ela", e repete essa frase, sob a ameaça do revólver de um oficial alemão... O rapaz sacrificava-se, portanto por uma verdade que superava seu destino individual. "O que os nossos revoltados defendiam contra um destino inimigo era um valor comum a todos"

"... quando os homens eram torturados cuidadosamente, quando mães se viam obrigadas a condenar seus filhos à morte, quando os justos eram enterrados como porcos, esses revoltados julgavam que alguma coisa neles era negada, e que essa alguma coisa não era propriedade exclusiva deles, e sim um laço comum, no qual os homens têm uma solidariedade já pronta"

"A partir daí, sabíamos como proceder e aprendíamos como na mais absoluta indignação moral o homem pode tornar a encontrar valores que bastem para regular sua conduta. Porque, se essa comunhão dos homens entre si, no reconhecimento mútuo de sua dignidade^[27] fosse a verdade, era a essa comunicação, era a esse diálogo que se deveria servir".

Camus inicia então um admirável período, no qual exclama, na observação de Jean Roche:

"E para manter essa comunicação era preciso que os homens fossem livres... (porquanto nada há de comum entre o senhor e o escravo ,, devíamos proceder de modo que a injustiça desaparecesse...

"E para manter essa comunicação, devíamos finalmente proscrever a mentira e a violência. .. porque o homem que mente, fecha-se para os demais, e o que O tortura impõe o silêncio absoluto. . ."

"Para curar a Europa preliminarmente a moral do diálogo deve se opor à moral do morticínio... Devemos lutar contra a injustiça, contra a servidão, contra o terror, porque esses três flagelos são os que fazem reinar o silêncio entre os homens, erguem barreiras entre eles, obscurecem em relação uns aos outros, e impedem de se reencontrar no único valor que os possa salvar desse mundo desesperador, a longa fraternidade dos homens em luta contra o seu destino. Ao cabo desta interminável noite, sabemos o que nos cumpre fazer".

Que significa isso, praticamente?

A rejeição, pura e simples, pelo pensamento e pela ação, de toda filosofia cínica. A recusa da violência confortável, da violência legitimada pela razão de estado, ou por uma filosofia. Por exemplo, uma medida prática imediata impõe-se. . .

A supressão geral da pena de morte^[28].

"A pena de morte não pode ser imaginada senão em função de homens que creiam possuir a verdade absoluta. O que não é o nosso caso".

A recusa das filosofias políticas que se arrogam o direito de regular tudo: Desde o catecismo político até a arte de amar^[29].

Fica explícita, na exposição de Camus, a antecipação do que estava desenvolvendo à elaboração de *O homem Revoltado*^[30], obra de profunda análise da situação política do indivíduo frente a estrutura de um mundo polarizado entre os Estados Unidos e a então URSS . O confronto e o rompimento com Jean Paul Sartre em 1951 nada mais foi do que o conflito de posições. O período da viagem de Camus a América do Sul – no início da dolorosa reconstrução europeia após a 2ª Guerra Mundial – de profunda crise ideológica na França e nas relações internacionais. Para os intelectuais franceses estava claro que *nenhuma voz francesa era ouvida fora da França*^[31] e a divisão era radical entre os pró-norte-americanos e o Tratado do Atlântico Norte de 1949, a URSS e aqueles desejosos e construir uma "terceira força" muitos dos quais originários dos quadris da resistência comunista que começava a romper com o Partido Comunista Francês. Em novembro de 1947 a revista *Spirit* publicava o Primeiro apelo à opinião internacional, com o apoio de *Camus, Sartre, Merleaux Ponty* denunciando que *uma paz armada não é paz* e, conseqüentemente defendia uma Europa Unida, independente dos Estados Unidos e da URSS com a adoção do socialismo. A mesma idéia e os mesmos princípios foram defendidos em dezembro de 1947 por *Combat* que em março também foi seguido pelo *Le Monde* (). A Terceira Força não vingou, originando entretanto a RDR – Assembléia Democrática Popular - que registrava o *apodrecimento do regime capitalista*^[32] e a *limitação do comunismo à forma*

stalinista^[33]. O RDR publicou a revista *La Gauche* com a colaboração de Camus. O movimento foi frontalmente boicotado, no final de 1948 e início de 1949 pelo órgão do PCF, *l'Humanité*. Foi nesse ambiente tenso e contraditório que Camus vem à América do Sul^[34], vinculado a *Marlaux* e a idéia da independência francesa em relação aos dois blocos que lutavam pela hegemonia mundial.

Quando Camus desembarca em Porto Alegre tem 36 anos de idade, chega cansado^[35], conflitado e doente, num ponto intermediário para suas rápidas visitas a Montevidéu, Buenos Aires e Santiago do Chile onde a voz do intelectual é simplesmente transformada numa performance, às vezes incômoda como na Argentina e no Chile ou ridícula como ocorreu no Rio de Janeiro como registrou *Otto Maria Carpeaux* em nota a revista *Província e São Pedro*^[36]

Porto Alegre

A passagem de Albert Camus por Porto Alegre foi muito rápida. Chega no dia 9 de agosto e embarca para Montevidéu no dia.... Além disso, os compromissos – organizados por outros – foram intensos. Certamente não deram tempo espaço a um olhar ou mesmo uma caminhada pela cidade

As suas lembranças de Porto Alegre foram lacônicas e só vieram a ser conhecidas, com a publicação póstuma de *Journaux de Voyage* (Diário de viagem). Aqueles que primeiro leram, em Porto Alegre, o *Journaux* se decepcionaram. No... *país de indiferença e exaltação*^[37], como observou Camus, o leitores talvez procurassem a exaltação da provinciana cidade de Porto Alegre^[38].

O registro que Camus faz é de 9 de agosto. Na viagem de São Paulo a Porto Alegre anotou que “*pela primeira vez, pequena crise de falta de ar*” revelando sua debilidade pulmonar. Desembarca na cidade “*sob frio constante*^[39]” quando “*quatro ou cinco franceses congelados esperam-me no aeroporto. Anunciam que devo fazer uma conferência a noite, o que não estava combinado*”^[40].

Logo após a sua chegada participou de um coquetel com significativa presença de intelectuais de Porto Alegre^[41] na sede da Associação de Cultura Franco Brasileira, sendo apresentado pelo professor Jean Roche, adido cultural da Consulado da França em Porto Alegre. Sua observação da cidade é rápida e seca: *A luz é muito bela*^[42]. *A cidade, feia*^[43]. *Apesar dos seus cinco rios*^[44]. Observando que “*Essas ilhotas e civilização são frequentemente horrendas*”^[45].

A seguir, de forma telegráfica, anota sobre a conferência a noite cujo local – o auditório do Instituto de Belas Artes – não suporta o número de pessoas presentes, “*chegando a recusar pessoas*”. A revista do Globo registra “*...um enorme público que lotou inteiramente o auditório do Instituto de Belas Artes*”.

Quando chega em Porto Alegre, Camus é um homem cansado. “*Minha preocupação é ir embora e acabar com isto, acabar com isto de uma vez por todas*”^[46] (p.109).

Na noite de 9 de agosto no Instituto de Belas Artes foi saudado por Érico Veríssimo que inicia sua oração dizendo: “*Vós sois uma das mais claras, belas e corajosas vozes da França de hoje, temperada na forja da Resistência, Vos representais...o homem que ...se encontra oprimido entre um mundo que agoniza e um que nasce*”^[47]

Na observação do jornalista da Revista do Globo^[48], Jean Paul Sartre “*falando de maneira ágil, vigorosa e elegante*” sobre o tema *A Europa e o Crime*”.

Camus enfatiza, na observação do jornalista, que *Os homens devem cultivar a honra e a boa vontade*, acrescentando que *Se por desgraça o escritor fracassa na sua generosa missão, mais vale, enganar-se sem assassinar ninguém do que ter razão no meio do silêncio e das tumbas*.

Porto Alegre era uma cidade com cerca de 390 mil habitantes^[49] onde o “centro” ainda exercia certa importância arquitetônica e cultural, com o Grande Hotel, o edifício Imperial, a confeitaria Central e os vários cinemas, numa rua calçada com bonitos desenhos dos paralelepípedos de granito na faixa de rolamento e não menos bonitos ladrilhos hidráulicos na

calçada da rua da Praia e ao longo de seu possível trajeto, ente o então Grande Hotel^[50] a Praça da Alfândega, o Largo dos Medeiros, a avenida Borges de Medeiros passando depois pela original e elegante Galeria Chaves e prosseguindo até a rua Senhor dos Passos, onde se localiza o Instituto de Belas Artes. A geografia instantaneamente registrada não possuía os elementos de imagem capazes de impressioná-lo, nem mesmo o eixo da curta avenida Sepúlveda, entre a praça da Alfândega em direção ao portão central do porto. Além disso, o tempo de observação foi muito curto, necessário apenas para cumprir compromissos desconhecidos e desagradáveis ao escritor que certamente entrou em Porto Alegre pela avenida Farrapos a partir do antigo aeroporto.

Soma-se a estas circunstâncias o fato notório de Albert Camus não gostar da fisionomia e da fisiologia das cidades^[51]. Sobre Nova Iorque é explícito “à primeira vista, cidade horrenda e desumana”^[52] acrescentando “Cheiro de Nova York – um aroma de ferro e cimento – o ferro domina”^[53]. Sobre Buenos Aires não é diferente “Volta pela cidade – de uma feiura rara”^[54]. A percepção de Oram por Camus não é mais amena como se lê nas páginas de *A Peste*.

Nem tudo, entretanto, foi desagradável. Chamou-lhe a atenção, em Porto Alegre, os “kapotes”, isto é, os ponchos o que era absolutamente normal num dia frio de agosto. Observa, também, que *A luz é bela*^[55]. Aliás luz típica dos raios de Sol de inverno e sob o domínio do anticiclone subtropical que dá luminosidade e transparência a atmosfera invernal e o belo azul do céu..

O resto foi o silêncio...

No ambiente politicamente tenso da *guerra fria* a conferência de Albert Camus não teve conseqüências no incentivo à discussão sobre as relações da inteligência local com o mundo. Os efeitos da ditadura Vargas ainda estavam muito recentes e os intelectuais locais ainda muito vinculados com os empregos públicos. O tema da conferência não provocou nenhum debate ou crítica entre os intelectuais locais. Não passou de um espetáculo para uma inteligência mais preocupada com os *pica-paus* e os *maragatos*. Os comentários ou análises sobre a apresentação de Érico Veríssimo praticamente ignoram a presença de Camus em Porto Alegre.

Otto Maria Carpeaux chamou a atenção pelo fato de Albert Camus ter centrado sua segunda conferência no Rio de Janeiro na personagem trágica de *Chanfort*^[56], acrescentando que a inteligência carioca arguiu: *Quem é Chanfort?* Érico Veríssimo também se referiu a *Matthew Arnold*. Provavelmente a pergunta foi a mesma. *Quem é Matthew Arnold?*

Afinal, numa época de explosões de violência, de acirramento de ódios, o silêncio era a manifestação intelectual cômoda e segura.

Certamente Albert Camus não serve à época do espetáculo e, nestas condições, o silêncio dos outros foi uma eficiente arma, associada a ruídos, cinismos e metáforas, entre muitas recepções.

A memória não silencia, embora se fragmente: alguns pedaços da juventude, alguns fragmentos de Paris e de obras lidas, num mundo assassino. Persiste. Albert Camus ainda é um bom companheiro.

Referências bibliográficas

- ALGUERREBERE, Ruben Loza. *Camus en Montevideo*. El Pais. Montevideo. 10 de dezembro de 2009.
- ANDRADE, Osvaldo de. *Memórias sentimentais de João Miranda*. Obras Completas. São Paulo. Editora Globo. 2004.
- ARAÚJO, P.Z. *Jornalismo francês e Albert Camus...* Revista Anagrama. Ano 2 - Edição 3 – Março-Maio de 2009
- ARAÚJO, Pedro Zambarda. *Jornalismo francês e Albert Camus*. São Paulo. Revista Anagrama, 2

(Edição 3). Março-Maio. 2009.

ARNOLD, Matthew. *Cultura e anarquismo*, Lisboa, Pergaminho.1994; edição espanhola, *Cultura y anarquia*, 2010.

ARRUDA, Edgar. UZKUDUN, Izaskun. Albert Camus. *Diário de um estrangeiro no Brasil*. 2007.

BARRETO, Alberto. *Albert Camus. Vida e obra*. Rio de Janeiro. Paz e Terra. 19...

BELTRÃO, Luís. *Jornalismo Opinativo*. Editora Sulina. Porto Alegre, 1980.

BORDINI, Maria da Glória (org.). *A liberdade de escrever: entrevistas sobre*

BORDINI, Maria da Glória. *Criação Literária em Erico Veríssimo*. Porto Alegre:

BUCCI, Eugênio. *Sobre Ética e Imprensa*. Companhia das Letras. São Paulo, 2008.

CAMUS, Albert. *Editorial*. *Combat*. Paris. 8 agosto de 1945.

CAMUS, Albert. *A Peste*. Rio de Janeiro. Edições BestBolso.2008.

CAMUS, Albert. *Albert Camus, na "Bahia de Todos os Santos", só a vida*. Folhaonline. 15/06/2010.

CAMUS, Albert. *Diário de Viagem*. Rio de Janeiro/São Paulo. Editora Record. 2004.5ª edição.

CAMUS, Albert. *O Homem revoltado*.Rio de Janeiro. Record.1996.

CARPEAUX, Otto Maria. *Albert Camus no Rio de Janeiro*. Porto Alegre. Província de São Pedro, v.6 (15).1951.

CASTRO, Gustavo de e GALENO, Alex (org.). *Jornalismo e Literatura*. Editora

CHAVES Flávio Loureiro. *Erico Veríssimo. O escritor e seu tempo*. Porto Alere. Editora da Universidade. 2001.

CHAVES, Flávio L. *Erico Veríssimo: realismo & sociedade*. Porto Alegre:

COHEN-SOLAL, Annie. *Sartre 1905-1980*. Porto Alegre. L&PM.1985.

CORREIO DO POVO. *O dia em que Camus esteve em Porto Alegre*.Correio do Povo.Letras Livros, 15 agosto 1981, p. 12-13.

COSTA P., Manuel. *Albert Camus: Um Elogio ao Ensaio*. Ateliê Editorial. São Paulo,

CRISTALDO, Janer. *Camus em Porto Alegre*.

CRUZ, Cláudio. *Literatura e cidade moderna: Porto Alegre 1935*. Porto Alegre:

DAMM, Flávio (Foto); *Camus em Porto Alegre*.. Revista do Globo, Ano XXI, Porto Alegre, 3 de setembro de 1949, p. 4041

DURAVAL-STALLA, Elexandre. *André Marraix, Charles De Gaulle, une histoire, deux legendas, biographie croisée*. Paris. Gallimard.2008.

EDIPUCRS, Prefeitura Municipal de Porto Alegre, 1997.

EDIPUCRS; IEL, 1994.

Escrituras. Coleção Ensaio Transversais, 2002.

FERREIRA, Carlos Rogé. *Literatura e Jornalismo, Práticas Políticas*. EDUSP. São

GERASSI, John. *Jean-Paul Sartre. Consciência odiada de seu século*. Vol,I. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Editor.1990.

GUIMARÃES, Josué. *A Porto Alegre de Érico*. Porto Alegre: Globo, 1984.

HUIDOBRO, Cecília García. *Albert Camus em Chile*.

LAISNE, Guillaume. *Engagements d'un quotidien em société coloniale*. Institut d'Études Politiques de Paris. École Doctorale. 2006/2007.

LEITE, Luis Osvaldo. *A polêmica entre Erico Veríssimo e um padre jesuíta*. In.: MORETO, Fulvia (organizadora). *Erico e seu tempo*. Porto Alegre. EDIPLAR. 2005.

Letras – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

LEVI-VALENSI, Jacqueline (Organizadora). *Camus at Combat: writing 1944-1947*. Princetown University. New Jersey. 2002.

LEVI-VALENSI, Jacqueline (ed.). *Camus at Combat: Writing 1944-47*. Princetown *literatura e política*. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS;

LIUDVIK, Caio. *Camus e Sartre, amizade e conflito*. Revista *Entre Livros*. São Paulo,junho de 2007.

LOTTMAN, Herbert R. *A Rive Gauche*. Rio de Janeiro. Editora Guanabara.1987, 2ª edição.

LOTTMAN, Herbert.. *Albert Camus: A Biography*. Paperback.1996.

LPM; EDIPUCRS, 1995.

LUCAS, Ana Carolina Klamas de. *Mal-estar da primeira metade do século XX: o Estrangeiro de Albert Camus*. Curitiba. Universidade Federal do Paraná. 2003 (Dissertação de mestrado).

MONTEIRO, Lorena Madruga. *O resto não é silêncio: a polemica de Érico Veríssimo com o Pe. Leonardo Fritzen SJ e a bipolarização do "campo" intelectual no Porto Alegre nos anos 40*. *Sociologia e Política. I Seminário Nacional de Sociologia e Política*. Universidade Federal do Paraná. 2000.

O´ BRIEN, Justin. *Resistnce, Rebellion, and Death*..Vintage Books. 1995.

OLIVEIRA, José Edelberto Araújo de. *Má-Fé: uma certa arte. O estrangeiro de Albert Camus sob uma análise sartreana*. DOMUS ON LINE: Ver.Teor.Pol.soc; cidse. Salvador. Volume 1, número2. Julho-Dezembro,2004. p.154-169.

Paulo, 2004.

PINHEIRO, Luciana Boose. *A recepção crítica de O Resto é silêncio de Érico Veríssimo*.

POMPONET, André. *A visita de A. Camus a Bahia*.
 POMPONET, André. *A visita de Albert Camus à Bahia*. Jornal Tribuna Feirense. Fevereiro. 2002.
 Porto Alegre, 2002. 180p. Dissertação (Mestrado em Letras) Faculdade de
 PRAXEDES, Rosângela Rosa. *Albert Camus: identidade em crise*.
 SCLIAR, Moacyr. *Porto de histórias: mistérios e crepúsculos de Porto Alegre*. Rio de Janeiro.
 Record. 2000.
 SILVA, Adauto Guimarães da. SILVA, N. A. G. da. *Jean-Paul Sartre e Albert Camus:
 convergências e divergências*. In: Colóquio Internacional Jean-Paul Sartre: 100 anos, 2005, Rio
 de Janeiro. Colóquio Internacional Jean-Paul Sartre: 100 anos. Rio de Janeiro UFRJ, 2005.
 SILVA, Nilson Adauto Guimarães da. *A Peste de Albert Camus: Revolta como ação coletiva
 solidária*.
 SIMON, Círio. *Camus: quando o intelectual ainda falava*. Porto Alegre. 07/01/2010.
 TANASE, Virgil. *Albert Camus*. Paris. Gallimard. 1987.
 TODD, Olivier. *Albert Camus. Uma vida*. Rio de Janeiro. Record Editora. 1998.
 TRINDADE, Fernando. *A polêmica entre Érico Veríssimo e o Pe. Leonardo Friotzen S.J.* Porto
 Alegre. UFRGS. Revista do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 11/12. 1984.
 VAZ, Ricardo Vieira. *Amor ao Mundo em Albert Camus e Hannah Arendt*. Uberlândia (Minas
 Gerais). Universidade Federal de Uberlândia. 2009.
 VERISSIMO, Erico. *O resto é silêncio*. Porto Alegre. Editora Globo. 1956.
 VERISSIMO, Erico. *Saga*, Porto Alegre. Editora Globo. 1956.
 WINOCK, Michel. *O Século dos Intelectuais*. Editora Bertrand Brasil. Rio de Janeiro –São Paulo,
 2000.
 WINOCK, Michel. *O século dos intelectuais*. Rio de Janeiro. Editora Bertrand Brasil. 2000.

COMBAT. Paris 8 de agosto de 1945
 CORREIO DO POVO Porto Alegre; 9 de agosto de 1949
 CORREIO DO POVO, Porto Alegre, 10 de agosto de 1949.
 CRUZEIRO (O). Rio de Janeiro,
 DIÁRIO DE NOTÍCIAS, Porto Alegre, 10 de agosto de 1949.
 EL PAIS. Montevideú 10 de dezembro 2009
 FOLHAS DA TARDE, Porto Alegre,
 HORIZONTE. Porto Alegre
 JORNAL DO DIA, Porto Alegre,
 PROVÍNCIA DE SÃO PEDRO (14). Porto Alegre. Publicação da Editora Globo. 1940.
 REVISTA DO GLOBO, Porto Alegre, Ano XXI, 3 de setembro de 1949.

Anexo

Editorial

Combat. Paris. 08/08/1945

Le monde est ce qu'il est, c'est-à-dire peu de chose. C'est ce que chacun sait depuis hier grâce au formidable concert que la radio, les journaux et les agences d'information viennent de déclencher au sujet de la bombe atomique. On nous apprend, en effet, au milieu d'une foule de commentaires enthousiastes que n'importe quelle ville d'importance moyenne peut être totalement rasée par une bombe de la grosseur d'un ballon de football. Des journaux américains, anglais et français se répandent en dissertations élégantes sur l'avenir, le passé, les inventeurs, le coût, la vocation pacifique et les effets guerriers, les conséquences politiques et même le caractère indépendant de la bombe atomique. Nous nous résumerons en une phrase : la civilisation mécanique vient de parvenir à son dernier degré de sauvagerie. Il va falloir choisir, dans un avenir plus ou moins proche, entre le suicide collectif ou l'utilisation intelligente des conquêtes scientifiques. En attendant, il est permis de penser qu'il y a quelque indécence à célébrer ainsi une découverte, qui se met d'abord au service de la plus formidable rage de destruction dont l'homme ait fait preuve depuis des siècles. Que dans un monde livré à tous les déchirements de la violence, incapable d'aucun contrôle, indifférent à la justice et au simple bonheur des hommes, la science se consacre au meurtre organisé, personne sans doute, à moins d'idéalisme impénitent, ne songera à s'en étonner.

Les découvertes doivent être enregistrées, commentées selon ce qu'elles sont, annoncées

au monde pour que l'homme ait une juste idée de son destin. Mais entourer ces terribles révélations d'une littérature pittoresque ou humoristique, c'est ce qui n'est pas supportable.

Déjà, on ne respirait pas facilement dans un monde torturé. Voici qu'une angoisse nouvelle nous est proposée, qui a toutes les chances d'être définitive. On offre sans doute à l'humanité sa dernière chance. Et ce peut-être après tout le prétexte d'une édition spéciale. Mais ce devrait être plus sûrement le sujet de quelques réflexions et de beaucoup de silence.

Au reste, il est d'autres raisons d'accueillir avec réserve le roman d'anticipation que les journaux nous proposent. Quand on voit le rédacteur diplomatique de l'Agence Reuter* annoncer que cette invention rend caducs les traités ou périmées les décisions mêmes de Potsdam*, remarquer qu'il est indifférent que les Russes soient à Koenigsberg ou la Turquie aux Dardanelles, on ne peut se défendre de supposer à ce beau concert des intentions assez étrangères au désintéressement scientifique.

Qu'on nous entende bien. Si les Japonais capitulent après la destruction d'Hiroshima et par l'effet de l'intimidation, nous nous en réjouissons. Mais nous nous refusons à tirer d'une aussi grave nouvelle autre chose que la décision de plaider plus énergiquement encore en faveur d'une véritable société internationale, où les grandes puissances n'auront pas de droits supérieurs aux petites et aux moyennes nations, où la guerre, fléau devenu définitif par le seul effet de l'intelligence humaine, ne dépendra plus des appétits ou des doctrines de tel ou tel État.

Devant les perspectives terrifiantes qui s'ouvrent à l'humanité, nous apercevons encore mieux que la paix est le seul combat qui vaille d'être mené. Ce n'est plus une prière, mais un ordre qui doit monter des peuples vers les gouvernements, l'ordre de choisir définitivement entre l'enfer et la raison.

Albert Camus.

[1] - Professor Livre docente da Universidade Federal de Minas Gerais, Titular da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Presidente do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul.

[2] - 7 de novembro de 1913 – 4 de janeiro de 1960.

[3] - Editado no Brasil, pela editora Record.

[4] - O café Les Deux Magots está localizado na praça Saint Germain-des-Prés e tem seu nome pela permanência de dois "magots", bonecos de porcelana, herdados da primeira loja existente no local a partir de 1812. Foi café em 1885 e só veio a se designar Deux Magots em 1933. Foi o centro de encontro de intelectuais como Elsa Triolet, Hemingway. Jean Girardeaux, Picasso, Sarte, Simone de Beauvoir, François Mauriac entre outros. Vide Michel Winock, O século dos intelectuais. 2000 e Herbert R. Lottan. A Rive Gauche; 1987.

[5] - Foi um dos centros intelectuais do século XIX e XX, ali se reuniam os membros do PCF, isto é, o *Pouilly Club de France*, em homenagem a um vinho muito utilizado, Entre seus frequentadores Juliette Gréco, Boris Vianque escreve o o "Manual de Saint Germain-des-Prés", além de André Breton, Albert Camus e inclusive frequentadores do Deux Magots, como Sartre e Simone que tinham escritório no Le Flore. Os dois cafés foram os locais do surrealismo e do existencialismo, os focos "escandalosos", segundo os guardiões das tradições provincianas.

[6] - A Brasserie Le Lipp, nas proximidades, formava o famoso triângulo cultural de Saint Germain-des-Prés.

[7] Frase que estava no interior dos bondes da Carris como propaganda: *Veja o lustre passafeiro, o belo tipo faceiro que se senta ao seu lado e, no entanto acredite, quase morreu de bronquite. Salvou-o o Rumcreosotado, se não me falha a memória*

[8] - Albert Camus. *L'Hpmme revolté*. Editado na França em 1951. Dois anos depois de suas conferências no Brasil nas quais os temas trabalhados já estavam contidos

nas conferências no Brasil.

[9] - Permanência no Brasil de 15 de julho a 9 de agosto de 1949.

[10] - Publicado em 1943.

[11] - Foram envolvidas na discussão pública 995 pessoas das quais 650 apoiando Érico Veríssimo (65,32%) e 345 o pare Fritzen (34,68%). Os membros do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul ficaram divididos:8 (oito) apoiaram Érico e 8 (oito) o padre Fritzen.Vide. Lorena Madruga Monteiro. " *O resto não é silêncio: a polêmica....*"

[12] Então em visita a Porto Alegre.

[13] - Matthew Arnold (1822-1888), autor de *Cultur and Anarchy:Na Essay in Political and Social criticism* (1869).

[14] - Médico, personagem de *A Peste* de Alber Camus

[15] - Fonte: *Correio do Povo, Letras & Livros, 15 de agosto de 1981, p.13*

[16] Prefácio da Edição de 1956 de *Saga*, Editora Globo, páginas 9 e 10.

[17] Idem, p.12

[18] Os alemães ocupam Paris no dia 14 de junho de 1940.

[19] - Ob.cit.p.38-41.

[20] - O objetivo de Camus era de elaborar as conferências na América do Sul com os títulos " Os embaraços da violência" ou " **Nós assassinos**". Vide Todd, Ob.cit,p.509.

[21] - Idem, Sumário e página 38.

[22] 'Correio do Povo, Diário de Notícias e Jornal do Dia, por exemplo.

[23] - A repressão ao comunismo era intensa. No ano anterior, 1948, havia sido cassado o registro do PCB.As prisões de comunistas eram notícias em todos os jornais, bem como ameaças de complôs.

[24] A primeira fase da conferência de Camus em Porto Alegre é a mesma da realizada anteriormente em São Paulo. Possivelmente seja a mesma pois, como registra no dia 9 de agosto " *Quatro ou cinco franceses congelados esperam-me no aeroporto. Anunciam que devo fazer uma conferência à noite, o que não estava combinado*". Diário de viagem, 2004,p.108.

[25] - Alber Camus, *Província de São Pedro*, 1949, p.38.

[26] Idem, p.39

[27] Idem,p.40

[28] Observa Jean Roche: *Camus felicita o Brasil por tê-la abolida*

[29] Idem, p.41.

[30] O Homem revoltado

[31] Herbert Lottman, 1987, p.409

[32] Idem, p.399

[33] Ide, idem.

[34] - Viagem patrocinada pela Direção Geral das Relações Culturais do Quai d'Orsay. Observa Todd:" ,,essas excursões não são inocentes, sobretudo quando o "missionário", representante semi-oficial da França, vai a países de democracia duvidosa", Todd, ob.cit.p.509.

[35] Na saída de São Paulo para Porto Alegre registra no Diário: Volto para casa exausto, cansado da face humana, ob.cit. p.108.

- [36]** Otto Maria Carpeaux, . v.6 (15).1951,p.174-175
- [37]** - p.107
- [38]** - Porto Alegre em 1949
- [39]** - Chegou no início de entrada de uma onda de frio O Correio do Povo de 13 de agosto registra a ocorrência de neve em dez municípios e a temperatura de 2,5 graus centígrados as 10 horas em Porto Alegre,
- [40]** Ob cit. P. 108
- [41]** - Exceto uma restrita fotografia de grupo, falta documentação disponível.
- [42]** - p.108. Sob o efeito de uma frente fria de alta pressão o céu estava limpo e com intensa luminosidade, típica dos tempos nestas condições.
- [43]** - p.108
- [44]** - Referencia ais rios formadores do delta do Guaíba na lagoa com o mesmo topônimo.
- [45]** - Diário de viagem, 2004, p.109.
- [46]** - Idem, idem.
- [47]** - Revista do Globo, Porto Alegre, 3 de setembro de 1949, p.41. Pensamento de Matthew Arnold.
- [48]** - Nesta mesma edição é publicada uma reportagem de Justino Martins e Salomão Scliar sobre a *Rive Gauche* e o XII Congresso Nacional de Estudantes, na Bahia, onde é defendido o petróleo nacional, em visita ao poço de Lobato..
- [49]** Segundo o Censo Demográfico (IBGE) de 1950. A cidade refletia o acelerado processo de crescimento demográfico que fora de 44% entre 1940 e 1950 em decorrência de forte migração interna.
- [50]** Possivelmente. Não encontrei o hotel de hospedagem de Albert Camus em Porto Alegre.
- [51]** - Nascido em Mondovi foi educado em sua infância no bairro operário de Balcourt na periferia de Argel.
- [52]** - Diário de Viagem, 2004, p.27
- [53]** - Idem, p.28
- [54]** - Idem, p.111
- [55]** - Idem, p.108
- [56]** Nicolas Chamfort (1740-1794).